

Biblioteca Anarquista



Aviso aos "civilizados" acerca da autogestão generalizada

Raoul Vaneigem

Raoul Vaneigem

Aviso aos "civilizados" acerca da autogestão generalizada
1969

medium.com

Tradução por Insubordinados! e Guilherme Henrique C.

bibliotecaanarquista.org

1969

“Nunca sacrifique o bem presente pelo bem vindouro. Aproveite o momento. Evite qualquer matrimônio ou outra associação que não satisfaça suas paixões desde o início. Por que você deve trabalhar para o bem que está por vir quando ele excederá seus desejos de qualquer maneira e você vai ter na ordem combinada apenas um desprazer, o de não poder dobrar o comprimento dos dias, a fim de acomodar a imensa gama de prazeres disponíveis para você?”

-Charles Fourier, Aviso aos civilizados acerca da próxima Metamorfose Social

1

Embora tenha falhado em ir até o seu fim, o movimento de ocupações de maio de 1968 deu origem a uma confusa consciência popular da necessidade de uma superação. A iminência de uma insurreição total, sentida por todos, deve agora descobrir sua práxis: a passagem para a autogestão generalizada ¹ através da criação de conselhos operários. O ponto em que o surto revolucionário trouxe a consciência das pessoas agora vai se tornar um ponto de partida.

2

A história está respondendo a pergunta que Lloyd George fez aos trabalhadores, uma pergunta que desde então foi retomada em coro por todos os servos do velho mundo: “Você quer destruir nossa organização social, mas o que você vai colocar em seu lugar?” Sabemos a resposta graças à profusão do pequeno Lloyd George que defende a ditadura estatal de um proletariado de sua escolha, contando com a classe trabalhadora para se organizar em conselhos a fim de dissolver a ditadura existente e eleger outra.

3

Cada vez que o proletariado assume o risco de mudar o mundo, ele redescobre sua memória histórica. O projeto de constituição de uma sociedade de conselhos — projeto até então impregnado com a história de seu esmagamento em diferentes períodos — revela a realidade de suas possibilidades passadas pela possibilidade de sua realização presente. Isso ficou evidente para todos os trabalhadores desde maio, quando o stalinismo e seus resíduos trotskistas mostraram por sua fraqueza agressiva sua incapacidade de esmagar o movimento dos conselhos se ele tivesse aparecido,

¹ *generalizada*: O sentido é total, ilimitado da autogestão: não a autogestão deste ou daquele setor do existente sistema, mas a autogestão que se estendeu a todas as regiões e a todos os aspectos da vida.*

assembleias, de se armarem, de viverem como nômades, de publicarem o que pensam (para cada um com seu próprio jornal de parede), amar sem restrições; o direito a se encontrar, o direito ao equipamento material necessário à realização dos desejos, o direito à criatividade, o direito à conquista da natureza, o fim do tempo da mercadoria, o fim da história em si, a realização da arte e do imaginação, etc. — aguardam seus anti-legisladores.

Notas:

Obs: as notas acompanhadas por um * no final, são as traduções das notas originais de Ken Knabb.

como organização da nova sociedade, eliminarão o elemento de separação ainda presente nesta negatividade por meio de uma política coletiva de desejos. O trabalho assalariado pode acabar no momento em que os conselhos são constituídos, no momento em que a seção “equipamentos e provisões” de cada conselho organiza a produção e a distribuição de acordo com os desejos da assembleia plenária. Nesse ponto, em homenagem à melhor previsão bolchevique, os mictórios podem ser feitos de ouro e prata esterlina, e apelidado de “lenins”.⁶

19

A autogestão generalizada implica a ampliação dos conselhos. Num primeiro momento, as áreas de trabalho serão assumidas pelos trabalhadores envolvidos, agrupados em conselhos. Para livrar estes primeiros conselhos do seu aspecto corporativo, de guilda, os trabalhadores irão abri-los o mais rapidamente possível aos seus amigos, às pessoas que vivem no mesmo bairro e aos voluntários provenientes dos sectores parasitas, para que rapidamente tomem a forma de conselhos locais — que podem eles próprios ser agrupados em “Comunas” de tamanho mais ou menos igual (talvez 8.000 a 10.000 pessoas?).

20

A extensão interna dos conselhos deve ser correspondida pela sua extensão geográfica. Será necessário manter vigilantemente a mais completa radicalidade das zonas liberadas, sem a ilusão de Fourier quanto à contigüidade das primeiras comunas, mas também sem subestimar a sedução de qualquer experiência autêntica de libertação, uma vez afastados os véus da falsificação. A autodefesa dos conselhos ilustra assim a fórmula: “A verdade armada é revolucionária.”

21

A autogestão generalizada terá em breve o seu próprio código de possibilidades destinado a liquidar a legislação repressiva e a sua dominação milenar. Talvez apareça durante um período de poder dual, antes que a máquina judicial e a escória do sistema penal tenham sido aniquiladas. Os novos “direitos do homem” — o direito de todos viverem como quiserem, de construírem a sua própria casa, de participarem em todas as

⁶ “Quando formos vitoriosos em escala global, penso que o faremos: usar ouro para a construção de banheiros públicos nas ruas de alguns dos as maiores cidades. Esta seria a forma mais “justa” e mais educativa de utilizando o ouro” (Lênin, em “*A Importância do Ouro Agora e após a Completa Vitória do Socialismo*”, por ocasião do retorno da Rússia ao padrão-ouro em 1921).*

e pela força de sua inércia, sua capacidade ainda de impedir o surgimento de um. Sem realmente se manifestar, um movimento em direção aos conselhos estava implicitamente presente no embate de duas forças contraditórias: a lógica interna das ocupações e a lógica repressiva dos partidos e sindicatos. Aqueles que ainda abrem seu Lenin para descobrir o que deve ser feito estão apenas revirando a lata de lixo da história.

4

Muitas pessoas intuitivamente rejeitavam qualquer organização que não emanasse diretamente do proletariado negando-se como proletariado, e esse sentimento era inseparável do sentimento de que uma vida cotidiana sem tempo morto era finalmente possível. Nesse sentido, a noção de conselhos de trabalhadores é o primeiro princípio da autogestão generalizada.

5

Maio de 1968 marcou uma fase essencial da longa revolução: a história individual de milhões de pessoas, cada dia em busca de uma vida autêntica, articulando-se com o movimento histórico do proletariado em luta contra todo o sistema de alienações. Essa unidade espontânea de ação, que foi a força motriz passional do movimento de ocupações, só pode desenvolver sua teoria e prática unitariamente. O que estava no coração de todos vai estar na cabeça de todos. Tendo sentido que “já não podiam viver como antes, nem sequer um pouquinho melhor que antes”, muitas pessoas estão inclinadas a prolongar a memória deste momento exemplar da vida e a esperança brevemente experimentada de uma grande possibilidade — prolongá-las numa linha de força que, para se tornar revolucionária, só falta uma maior lucidez na autogestão generalizada, ou seja, na construção histórica das relações individuais livres.

6

Somente o proletariado, ao negar a si mesmo enquanto proletariado, dá forma clara ao projeto de autogestão generalizada, porque carrega esse projeto em si objetiva e subjetivamente. É por isso que as primeiras especificidades virão da unidade de seu combate na vida cotidiana e no front da história; e da consciência de que todas as demandas são realizáveis imediatamente, mas apenas pelo próprio proletariado. Nesse sentido, a importância de uma organização revolucionária será doravante medida por sua capacidade de apressar seu próprio desaparecimento na realidade da sociedade dos conselhos.

7

Os conselhos operários constituem um novo tipo de organização social,

através da qual o proletariado põe fim à proletarização de todos. A autogestão generalizada é simplesmente o quadro geral segundo o qual os conselhos inauguram unitariamente um estilo de vida baseado na libertação individual e coletiva em curso.

8

Fica claro em todas essas teses que o projeto de autogestão generalizada requer tantas especificidades quantos forem os desejos em cada revolucionário, e tantos revolucionários quantos forem as pessoas insatisfeitas com seu cotidiano. A sociedade espetacular-mercantil produz tanto as condições que reprimem a subjetividade quanto — contraditoriamente, através da recusa que ela provoca — a positividade da subjetividade; com a formação dos conselhos, igualmente decorrente da luta contra a opressão geral, produz as condições para uma realização permanente da subjetividade sem limites senão sua própria impaciência para fazer história. Assim, a autogestão generalizada está ligada a capacidade dos conselhos de realizar a imaginação historicamente.

9

Fora da autogestão generalizada, os conselhos operários perdem o sentido. Quem fala dos conselhos como organismos econômicos ou sociais separados, quem não os coloca no centro da revolução da vida cotidiana com a prática que isso implica, deve ser tratado como um futuro burocrata e, portanto, como um inimigo presente.

10

Um dos grandes méritos de Fourier foi ter mostrado a necessidade de criar imediatamente — e para nós isso significa desde o início da insurreição generalizada — as condições objetivas para a libertação individual. Para todos, o início do momento revolucionário deve marcar uma ascensão imediata do prazer de viver — uma entrada conscientemente experimentada dentro da totalidade.

11

O ritmo acelerado com que o reformismo, com sua reclamação tricontinental, está deixando para trás excrementos esquerdistas ridículos — todos aqueles pequenos esterco maóistas, trostkistas e guevaristas — prova por seu cheiro o que a direita, e especialmente os socialistas e stalinistas, há muito sentem: demandas parciais são fundamentalmente contrárias a uma mudança total. Mas tentar cortar as cabeças de hidra do reformismo uma de cada vez é inútil. Melhor derrubar de uma vez por todas o velho ardil da história: esta parece ser a solução final para o problema dos

sobre as suas atividades e são revogáveis e sujeitos a rotação vertical e horizontal.⁴

17

A lógica do sistema de mercadorias, sustentada pela prática alienada, deve ser respondida com a prática imediatamente condicionada pela lógica social dos desejos. As primeiras medidas revolucionárias estarão necessariamente relacionadas com a redução do tempo de trabalho e com a maior redução possível do trabalho obrigatório. Os conselhos farão naturalmente uma distinção entre setores prioritários (alimentação, transportes, telecomunicações, metalurgia, construção, vestuário, eletrônica, impressão, armamento, saúde, conforto e, em geral, todos os equipamentos materiais necessários à transformação permanente das condições históricas); setores de reconversão, cujos trabalhadores consideram que podem **desviá-los**⁵ para usos revolucionários; e setores parasitas, cujas assembleias decidem pura e simplesmente suprimi-los. Os trabalhadores dos setores eliminados (administração, agências burocráticas, produção de espetáculos, indústrias puramente comerciais) preferirão obviamente dedicar três ou quatro horas por semana a algum trabalho que escolheram livremente entre os setores prioritários, em vez de oito horas por dia em seu antigo local de trabalho. Os conselhos experimentarão formas atraentes de realizar as tarefas necessárias, não para esconder os seus aspectos desagradáveis, mas para compensar tal desgosto com uma organização lúdica do mesmo, e na medida do possível eliminar tais tarefas em favor da criatividade (de acordo com o princípio: “Trabalho não, prazer sim”). À medida que a transformação do mundo se tornar idêntica à construção da vida, o trabalho necessário desaparecerá no prazer da história por si mesmo.

18

Afirmar que a organização conselhistas da distribuição e da produção impede o saque e a destruição de máquinas e bens é ainda permanecer dentro de uma perspectiva puramente negativa e anti-estatal. Os conselhos,

⁴ Aqui Ken Knabb recomenda o seguinte texto (aqui no Link está em Inglês) para uma melhor compreensão do tema: www.bopsecrets.org

⁵ desviá-los, no original, *detourn*, claramente uma referência ao conceito situacionista de *detournement*, traduzido em português como “desvio” ou “deriva”. Para uma melhor compreensão, recomendo o texto “*Teoria da Deriva*” de Guy Debord, disponível no livro “*Apologia da Deriva: Escritos Situacionistas sobre a Cidade*” organizado por Paola Berenstein e Traduzido por Estela dos Santos Abreu.

implica que tudo o que escapar ao controle direto da assembleia autônoma recriará, em formas mediadas, todas as variedades autônomas de opressão. Através de seus representantes, toda a assembleia, com todas as suas tendências, deve estar presente no momento da decisão. Mesmo que a destruição do Estado impeça a repetição da farsa do “Soviete Supremo”, ainda é preciso cuidar para que a organização seja simples o suficiente para excluir a possibilidade de surgir qualquer neoburocracia.

Mas a abundância de tecnologias de telecomunicações — que à primeira vista pode parecer pretexto para a continuação ou o retorno de especialistas — é justamente o que possibilita o controle constante dos delegados pela base, a imediata confirmação, correção ou repúdio de suas decisões em todos os níveis. *Telex*³, computadores, televisão, etc., são, portanto, a posse inalienável das assembleias primárias, possibilitando que essas assembleias sejam cientes do que ocorre e também afetar os eventos em todos os lugares. Na composição de um conselho (haverá sem dúvida conselhos de bairro, de cidade, regionais e internacionais) será uma boa ideia que a assembleia eleja e controle: uma seção de equipamento para efeitos de recolhimento de pedidos de abastecimento, determinando as possibilidades da produção e coordenar estes dois setores; uma seção de informações encarregada de manter contato constante com as experiências de outros conselhos; uma seção de coordenação cuja tarefa será (na medida do permitido pelas necessidades da luta) para enriquecer as relações pessoais, para radicalizar o projeto Fourierista, para cuidar das exigências da satisfação passional, para equipar os desejos individuais, para fornecer tudo o que for necessário para experimentos e aventuras, para harmonizar de forma lúdica as possibilidades de organização de tarefas necessárias (limpeza, cuidadores de bebês, educação, concursos de culinária, etc.); e uma seção de autodefesa. Cada seção é responsável pela assembleia completa; os delegados reúnem-se regularmente e informam

³ *Telex*: Segundo a Wikipédia, em artigo consultado em 21 de Novembro de 2023: é um sistema internacional de comunicações escritas que prevaleceu até ao final do século XX. Consistia numa rede mundial com um plano de endereçamento numérico, com terminais únicos que poderia enviar uma mensagem escrita para qualquer outro terminal. Ainda está em funcionamento em muitos países apesar do número de subscritores do serviço se encontrar em queda, pela introdução do e-mail, mais barato. Os terminais pareciam e funcionavam como máquinas de escrever ligadas a uma rede igual à telefónica.

cooptadores. Isso implica uma estratégia que desencadeia a conflagração geral por meio de momentos insurrecionais cada vez mais frequentes; e uma tática de progressão qualitativa em que ações inevitavelmente parciais implicam, como condição necessária e suficiente, a liquidação do mundo da mercadoria. É hora de começar a sabotagem positiva da sociedade espetacular-mercantil. Enquanto nossas táticas de massa se aterem à lei do prazer imediato, não haverá necessidade de se preocupar com o resultado.

12

É fácil mencionar aqui, apenas como exemplos sugestivos, algumas possibilidades que serão rapidamente superadas pela prática dos trabalhadores libertos: em todas as ocasiões — abertamente durante as greves, mais ou menos clandestinamente durante o trabalho — iniciar o reinado da liberdade, dando produtos de fábrica e armazém a amigos e revolucionários, confeccionando objetos de presente (transmissores de rádio, brinquedos, armas, roupas, enfeites, máquinas para diversos fins) e organizando greves de “brindes” em lojas de departamento; quebrar as leis da troca e iniciar o fim do trabalho assalariado apropriando-se coletivamente dos produtos do trabalho e utilizando coletivamente as máquinas para fins pessoais e revolucionários; depreciar a função do dinheiro distribuindo greves de pagamento (aluguel, impostos, parcelamento, pagamentos, tarifas de transporte, etc.); incentivar a criatividade de todos, iniciando setores de abastecimento e produção exclusivamente sob controle dos trabalhadores, mesmo que isso só possa ser feito de forma intermitente, considerando essa experimentação como necessariamente tateante e sujeita a melhorias; acabar com as hierarquias e o espírito de sacrifício, tratando patrões e burocratas sindicais como merecem e rejeitando o militantismo; agir unitariamente em toda parte contra todas as separações; extrair teoria de todo tipo de prática e vice-versa, compondo folhetos, cartazes, músicas, etc.

13

O proletariado já mostrou que sabe responder à complexidade opressiva dos Estados capitalistas e “socialistas” pela simplicidade da organização realizada diretamente por e para todos. Em nosso tempo, as questões de sobrevivência são colocadas apenas com a condição de que nunca sejam resolvidas; Em contraste, os problemas da história a ser vivida são claramente colocados através do projeto dos conselhos operários — posi-

tivamente, na medida em que os conselhos são a base de uma sociedade passional e industrial unitária, negativamente na medida em que implicam total oposição ao Estado.

14

Por não exercerem nenhum poder separado das decisões de seus membros, os conselhos não toleram outro poder que não seja o seu. Incentivar ações antiestatais em todos os lugares não deve, portanto, ser entendido como implicando em uma criação prematura de conselhos que não teriam poder absoluto sobre suas próprias áreas, seriam separados da autogestão generalizada e seriam inevitavelmente esvaziados de conteúdo e suscetíveis a todo tipo de ideologia. As únicas forças lúcidas que podem responder à história que foi feita com a história a ser feita serão as organizações revolucionárias que estão desenvolvendo, no projeto dos conselhos, uma consciência igual do adversário a ser combatido e dos aliados a serem apoiados. Um aspecto importante de tal luta é manifestar-se diante de nossos olhos com a aparência de um poder dual. Nas fábricas, escritórios, ruas, casas, quartéis e escolas uma nova realidade toma forma: desprezo pelos patrões, independentemente de seus rótulos ou de sua retórica. A partir de agora, este desprezo deve ser levado à sua conclusão lógica, demonstrando, através da ação concentrada dos trabalhadores, que os patrões não são apenas desprezíveis, mas também inúteis, e que mesmo do seu próprio ponto de vista utilitarista podem ser eliminados impunemente.

15

A história recente logo será vista, tanto por governantes quanto por revolucionários, em termos de uma alternativa que diz respeito a ambos: autogestão generalizada ou caos insurrecional; nova sociedade de abundância ou desintegração social, pilhagem, terrorismo e repressão. A luta dentro do poder dual já é inseparável de tal escolha. Nossa coerência exige que a paralisia e a destruição de todas as formas de governo não sejam distintas da construção de conselhos. Se o nosso adversário tem a menor prudência, deve perceber que só uma organização de novas relações cotidianas pode impedir a propagação do que um especialista da polícia estadunidense já chamou de “nosso pesadelo”: Pequenos combatentes insurgentes saindo das entradas do metrô, atirando dos telhados, aproveitando a mobilidade e os recursos ilimitados da guerrilha urbana para derrubar a polícia, liquidar os servidores da autoridade, provocar tumultos e destruir a economia. Mas não temos que salvar os governantes apesar de si mesmos. Será suficiente para preparar os conselhos e garan-

tir sua autodefesa por todos os meios. Em uma das peças de Lope de Vega, alguns aldeões, levados além da resistência pelas exações de um funcionário real, o mataram. Quando são levados perante o magistrado e acusados de nomear o culpado, todos respondem com o nome de sua aldeia, “Fuenteovejuna”. Essa tática, usada por muitos mineiros asturianos contra engenheiros pró-empresa, tem a desvantagem de atacar demais o terrorismo e a tradição *watrinage* ².

A autogestão generalizada será a nossa “Fuenteovejuna”. Já não basta a ação coletiva desestimular a repressão (imagine a impotência das forças da ordem se durante um movimento de ocupação os funcionários do banco se apoderarem dos fundos); deve, ao mesmo tempo, encorajar a progressão para uma maior coerência revolucionária. Os conselhos representam a ordem diante da decomposição do Estado, cuja forma está sendo contestada pela ascensão dos nacionalismos regionais e cujo princípio básico está sendo contestado pelas demandas sociais. Aos pseudoproblemas que veem colocados por essa decomposição, a polícia só pode responder estimatizando o número de mortes. Só os conselhos oferecem uma solução definitiva. O que previne saques? A organização da distribuição e o fim do sistema mercantil. O que previne a sabotagem da produção? A apropriação das máquinas pela criatividade coletiva. O que previne explosões de raiva e violência? O fim do proletariado através da construção coletiva da vida cotidiana. Não há outra justificativa para nossa luta que não seja a satisfação imediata deste projeto do que aquela que nos satisfaz imediatamente.

16

A autogestão generalizada tem apenas uma base, uma força motriz: a exaltação da liberdade universal. Isso é suficiente para nos permitir, neste momento, inferir o rigor que será necessário para sua elaboração. Tal rigor deve, doravante, caracterizar as organizações revolucionárias conselhistas;

Por outro lado, sua prática já conterà a experiência da democracia direta. Isso nos permitirá concretizar certas fórmulas com mais rigor. Um princípio como “Todo o poder à assembleia geral”, por exemplo, também

² *Watrinage*: a prática de assassinar um chefe impopular (de um engenheiro chamado Watrin que foi morto por mineiros franceses em greve no final do século XIX). Sobre o terrorismo, ver os Comentários de Guy Debord sobre a Sociedade do Espetáculo; Prefácio de Debord à Quarta Edição Italiana de “A Sociedade do Espetáculo”; e Sobre o terrorismo e o Estado, de Gianfranco Sanguinetti.*